

APRESENTAÇÃO

O periódico *Linguagem em (Re)vista*, em diálogo com o *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos* (CiFEFiL), o *Grupo de Estudos Interdisciplinares Cultura, Educação e Linguagens* (GEICEL/CNPq/CAPE/UNEB – Campus X) e o *Coletivo Mulheres Insubmissas: feminismos e ações afirmativas no Departamento de Educação – Campus X* da UNEB, reúne, neste novo número, produções que focalizam, com amplitude e propriedade, temas relacionados aos eixos de pesquisa: *Gênero, Sexualidade e Identidades*. Tem-se uma diversidade de abordagens que apreendem questões sobre: feminismos; literatura e feminismo; literatura e identidade indígena; comunicação inclusiva; feminismos e ações afirmativas, lesbianismo e homossexualidade na escrita literária, desenvolvidas por pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento: Letras e Linguística, Ciências Sociais e Ciências Humanas das universidades brasileiras – UNEB (BA), UESB (BA), UESC (BA), UEFS (BA), UFRGS (RS), UFMT (MT), UFJF (MG), UNISINOS (RS), UFSB (BA) e UFBA(BA).

As reflexões trazidas pelos autores destacam a importância de se avançar no campo das *epistemologias decoloniais* através de discursos e práticas promotoras de uma horizontalidade do pensamento, nos quais ganhem centralidade, conforme exige o tempo presente, reparações históricas aos epistemicídios (MAFFÍA, 2020)¹, visto que todos os olhares são constitutivos do mundo e cada um, de alguma forma, é essencial. Em um contexto, ainda, mais de luta do que de efetiva absorção do pensamento decolonial, encontra-se bem delineada na cultura, a exclusão de olhares subalternizados, mas isso não é apenas um problema político, é também uma questão científica. Logo, na contramão das hegemonias, é preciso criar vias

¹ Maffía, Diana “Feminismo y epistemología: un itinerario político personal”. In AA.VV. *Apuntes epistemológicos. Cuadernos feministas para la transversalización 1*. Rosario. UNR Editora, 2020. P. 17-29.

Gênero, sexualidade e identidades

pelas quais o silenciamento diante da exclusão de metade da população (LGBTQQICAPF2K+, mulheres, negros/negras, indígenas, quilombolas, pobres periféricos) possa ser desfeito, o que vem solicitar a promoção de interseccionalidades teóricas e metodológicas, a inter e transdisciplinares e a experimentação de transversalidades discursivas, como bem apontam os trezes artigos aqui apresentados.

A escolha por abrir a revista com o texto “Estudos de gênero, corpo, sexualidade e desigualdades: de que se trata?”, de Maria de Fátima de Andrade Ferreira e José Valdir Jesus de Santana, propicia, de pronto, ao leitor o acesso a conhecimentos substanciais acerca de gênero, corpo, sexualidade, por uma perspectiva histórico-filosófica, apontando alguns percursos, aproximações teóricas, distanciamentos, significados e sentidos acerca dessas categorias, com vistas ao debate no campo científico e educacional sobre essas questões.

Em “Capitalismo de Vigilância: Uma discussão filosófica sobre a influência de redes sociais na autoimagem da mulher”, as autoras Evellin Bianca Souza de Oliveira, Larisse Silva Andrade e Maria Rita Santos apresentam uma reflexão bem fundamentada sobre as demandas impostas ao corpo da mulher, na qual destacam a importância de investigações acerca da lógica econômica imbricada nas redes sociais e suas interferências na percepção da mulher sobre si mesma. Assim, defendem a aplicação da “Lei geral de proteção a dados pessoais” de usuários de mídias digitais.

Já Jacqueline Laranja Leal Marcelino, em “Questões de gênero e sororidade em *A cor púrpura*”, detém-se na análise dos impactos que questões de gênero e etnia causam na vida de Celie, protagonista da narrativa *A cor púrpura* (1986), de Alice Walker, a partir da vertente do feminismo negro, revelando a potencialidade do *womanism* e da sororidade no enfrentamento à violência de gênero, em intersecção com a questão racial.

No artigo “Feminismo Camponês e Popular: caminhos para uma nova sociabilidade”, Djacira Maria de Oliveira Araújo traz para exame e discussão a práxis do feminismo camponês e popular, enquanto uma expressão do movimento feminista gestado no campo a partir das lutas concretas das mulheres no enfrentamento à violência estrutural do sistema patriarcal, racista, sexista e capitalista, problemáticas vivenciadas por mulheres camponesas organizadas em movimentos feministas.

Helânia Thomazine Porto e Ana Carolina Porto Veronez no texto “Coletivo Mulheres Insubmissas: ações educacionais e políticas em tempos

de pandemia da covid-19” descrevem e analisam as ações políticas e educativas realizadas pelo grupo no contexto digital. Em suas explanações, explicitam as concepções de feminismo presentes nas narrativas de conferencistas e de mediadoras em quatro eventos, realizados entre o período de março a outubro de 2020 e respondem às seguintes indagações: Como as Insuportáveis reivindicam o lugar da mulher em suas atividades educativas? Na construção de suas proposições, que feminismo tem sido pensado e construído?

No texto “Marisqueira: Uma reflexão sobre criação lexical à luz das relações”, Crysna Bomjardim da Silva Carmo e de Élica Mota Rodrigues dão destaque aos sentidos atribuídos à palavra marisqueira em oposição ao seu correspondente masculino – marisqueiro. Para tanto, valem-se da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, bem como da discussão de gênero gramatical e de gênero como traço estruturante das relações sociais, baseada nas diferenças entre os sexos na sociedade.

No artigo “Miradas Femininas: reflexões sobre a atuação de editoras independentes geridas por mulheres no Brasil”, Karina Lima Sales põe em pauta as atuações de três editoras brasileiras independentes geridas por mulheres. Em suas reflexões, ressalta que essas editoras surgem como um posicionamento político de enfrentamento a uma sociedade ainda marcadamente patriarcal e misógina, incluindo o mercado editorial.

Os autores Pedro Augusto Pereira e Tamires Ferreira Coêlho no texto “Escrita Coletiva, Subjetivação e Esperança em Narrativas Bichas no YouTube” chamam a atenção para o papel da esperança, da vivência e do compartilhamento de alegrias e afetos no enfrentamento das opressões que incidem sobre dois youtubers gays negros a partir de seus lugares de fala. Nesse sentido, analisam as práticas de Murilo Araújo e Samuel Gomes em seus canais no YouTube, “Muro Pequeno” e “Guardei no Armário”, em uma perspectiva teórico-metodológica que tensiona o conceito de “escrita de si”, de Margaret Rago (2013), e o articula a uma perspectiva interseccional e descolonial.

A partir da compreensão das gramáticas de produção e das gramáticas de reconhecimento, que são atualizadas nos campos social e comunicacional, Yvets Morales Medina reflete sobre o lugar de enunciação e de leitura do sujeito travesti na sociedade midiaticizada, problematizando no

Gênero, sexualidade e identidades

artigo “O sujeito travesti no ambiente midiático”, os processos de midiaticização nos quais se encontram inseridos e os modos como são representados no contexto midiático.

As pesquisadoras Josiane Alves dos Santos e Karina Lima Sales, “No balanço de Oxum e Iansã: mulheres que amam mulheres”, apresentam análises de três contos: “No balanço do teu mar” e “Mameto”, presentes no livro *Um Exu em Nova York*, de Cidinha da Silva e “Isaltina Campo Belo”, que compõe a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo. Essas narrativas, na visão das autoras, constituem um marco na escrita literária contemporânea, em que se privilegia a temática do amor lésbico, ancorando esses amores a uma herança ancestral de Oxum e Iansã, a fim de legitimar corpos dissidentes da diáspora.

No artigo “Homoerotismo e (des)encontros com a subjetividade em duas narrativas curtas”, Bougleux Bomjardim da Silva Carmo tecem considerações sobre as relações homoafetivas representadas em textos extraídos de duas antologias de contos gays, no intuito de fomentar uma compreensão determinada da emergência da violência e do estranhamento na performatividade do corpo e do homoerotismo, principalmente, acerca da divisão subjetiva frente aos papéis sexuais.

As pesquisadoras Sonia Maria Queiroz de Oliveira e Jiani Adriana Bonin discutem resultados de uma pesquisa sobre as inter-relações comunicativas dos sujeitos surdos da Associação dos Surdos de Governador Valadares (ASUGOV) em suas páginas no Facebook, no artigo intitulado “O Facebook Asugov GV e seus usos e apropriações por sujeitos comunicantes surdos”. A partir de uma abordagem etnográfica, as observações e análises indicam que os processos comunicacionais desenvolvidos neste cenário digital colaboram para o fortalecimento da cultura surda em perspectiva cidadã, especificamente na constituição de vínculos comunitários, na divulgação e a promoção de ações educativas, esportivas e integrativas realizadas na associação, e no levantamento de pautas políticas de interesse do grupo.

Em “(Re)pensando a identidade indígena nas representações da adaptação de *O Guarani*”, os autores Dannisleyk Moraes de Araujo Santos e Juciene Silva de Sousa Nascimento corroboram a ideia de que o uso de novas pedagogias no ensino de língua portuguesa vem possibilitando o desenvolvimento de atividades inovadoras as quais podem levar a um bom aprendizado da literatura. Nesse sentido, (re)discutem a identidade indígena contem-

porânea, a partir da análise da adaptação do romance *O Guarani* (2010), de José de Alencar, para o gênero história em quadrinhos, que é visto pelos autores como um recurso pedagógico interessante no ensino da História e de Cultura Indígena, conforme lei n. 11.645/2008.

Para finalizar, queremos deixar registrado o nosso desejo de que publicações com essas temáticas se multipliquem sempre mais.

Fica aqui, novamente, o nosso agradecimento aos leitores.

Maria Inaura Rodrigues Pinto